

## Trabalho Original


**X ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR:  
UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS**
**ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877**
**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Jequié, 6, 7 e 8 de outubro de 2025**
**REFLEXÕES DE HOMENS ADULTOS JOVENS SOBRE O “SER  
MULHER” NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA**

Rennilda Mayane Lopes e Silva<sup>1</sup>  
Wallace Almeida Gonçalves<sup>1</sup>  
Igor Silva Santos<sup>1</sup>  
Mayale Silva Ribeiro<sup>1</sup>  
Vanda Palmarella Rodrigues<sup>1</sup>  
Juliana Costa Machado<sup>2</sup>

**Introdução**

A violência contra a mulher representa uma das mais graves formas de violação dos direitos humanos e constitui um desafio permanente à saúde pública. No Brasil, a violência de gênero apresenta índices elevados, marcados por múltiplas expressões, psicológica, física, sexual, moral e patrimonial, e está fortemente associada às desigualdades sociais e de gênero (Silva *et al.*, 2023; Cruz *et al.*, 2021).

Segundo Acosta *et al.*, (2018), a violência doméstica contra a mulher se configura como um problema de magnitude epidêmica, refletindo raízes histórico-culturais sustentadas pelo machismo e por relações de poder assimétricas. Estudos indicam que grande parte das agressões é praticada por parceiros íntimos (Silva *et al.*, 2023), o que reforça a invisibilidade e a naturalização desse fenômeno no espaço doméstico.

A violência envolve regras e uma relação de poder, na qual o agressor detém uma superioridade sobre a mulher e ela é posicionada a um segundo plano, submissa, discriminada e oprimida, até mesmo escravizada e objetificada. Nesse sentido, compreender o pensamento de homens sobre o “ser mulher” exige reconhecer tanto a dimensão de resistência e luta quanto as barreiras estruturais que perpetuam situações de violência e desigualdade, já que eles se encontram como os principais agressores.

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Odontologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: maysinhasilva14@gmail.com

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Fisioterapia da UESB. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: wallacealmeida@hotmail.com

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Enfermagem da UESB. E-mail: 202110816@uesb.edu.br

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Fisioterapia da UESB. E-mail: 202010715@uesb.edu.br

<sup>2</sup> Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da UESB. Doutora em Enfermagem pela UFBA. E-mail: vprodrigues@uesb.edu.br

<sup>2</sup> Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da UESB. Doutora em Ciências da Saúde pela UESB. E-mail: juliana.costa@uesb.edu.br

## Objetivo

Compreender a percepção de homens adultos jovens sobre o ser mulher no contexto da violência

## Métodos

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório de natureza qualitativa. Foi realizado em uma universidade pública do interior da Bahia, participaram 145 homens adultos jovens com prevalência na faixa etária de 19 a 35 anos, onde todos estavam regularmente matriculados e na graduação de curso de bacharelado ou licenciatura.

A seleção foi realizada por conveniência e os dados foram coletados de forma individual, no período de março a junho de 2025, em sala reservada na universidade.

Os dados foram advindos das justificativas das palavras evocadas através da Técnica de Evocação de Palavras ao estímulo indutor “ser mulher”. Trata-se de uma técnica projetiva onde foi solicitado aos participantes que evocassem cinco palavras ou expressões que viessem à sua mente após ouvir o termo indutor. A partir das evocações, os pesquisadores solicitaram aos participantes que justificassem as duas palavras mais importantes diante das cinco palavras evocadas.

Para a análise de dados utilizou-se a Técnica de Análise de Conteúdo Temática. Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia sob parecer nº 6.686.958/2024 e CAAE: 77764124.0.0000.0055.

## Resultados e Discussão

A partir dos resultados encontrados evidenciamos que os participantes apontaram aspectos históricos e culturais sobre a força feminina, que de alguma forma é “medida” como o sexo mais frágil e reconhecida pelas vulnerabilidades. Entretanto, os homens podem reconhecê-las como potencializadoras do seu “ser mulher”.

*A sociedade fala que as mulheres são fracas, e elas precisam entender que são poderosas. (Participante 50).*

*Ser mulher é resistência e determinação (Participante 74).*

Outro depoimento reforça que “*ser mulher está relacionado à falta de oportunidade de emprego, de se colocar em meio à sociedade*” (Participante 15), apontando desigualdades estruturais.

Para alguns, ser mulher é sinônimo de cuidado, como revela a fala do participante 79 “*ser mulher é cuidar, amar e proteger*”.

Essa percepção dialoga com a compreensão de que o cuidado constitui prática essencial na Atenção Primária à Saúde, sobretudo no enfrentamento da violência doméstica, exigindo abordagem integral e sensível às necessidades das mulheres. Conforme destacam Dias *et al.*, (2023), “o cuidado nessas situações envolve acolhimento, escuta qualificada e articulação intersetorial, reconhecendo a complexidade e a singularidade de cada caso”.

Foi identificado o peso da injustiça social do feminino, principalmente por uma sociedade machista e patriarcal, que muitas vezes violentam as mulheres de diversas formas evidenciando restrições e vulnerabilidades. Como podemos verificar:

*Como na questão de ser mulher tem muita injustiça perante a sociedade (Participante 52).*

*Ser mulher é ter insegurança, realidade das mulheres não terem tanta liberdade como os homens (Participante 76)*

Essas falas refletem a contradição entre o reconhecimento da força feminina e as estruturas sociais que perpetuam desigualdades. Estudos mostram que a violência doméstica e intrafamiliar permanece naturalizada em muitas comunidades, com prevalência significativa de agressões por parceiros íntimos (Stochero; Pinto; 2024).

A cultura machista é elemento central nesse processo, pois sustenta relações de poder assimétricas e naturaliza a violência de gênero. Como enfatiza Oliveira e Leahy (2020), a violência doméstica e pública contra a mulher é sustentada por padrões socioculturais de matriz patriarcal, que naturalizam o domínio masculino e a subordinação feminina, contribuindo para a reprodução e a perpetuação de práticas violentas nas diversas esferas sociais.

Esse entendimento revela que a violência não é um fenômeno isolado, mas está enraizada em valores sociais historicamente construídos que conferem aos homens posição de privilégio e autoridade. A transmissão entre gerações desses padrões, associada à socialização masculina pautada no controle e na hierarquia de gênero, reforça a naturalização do comportamento agressivo e dificulta o rompimento do ciclo de violência. Ainda segundo Oliveira e Leahy (2020), essa estrutura cultural atravessa instituições como a família, a escola, a mídia e o próprio sistema de justiça, produzindo barreiras para que as mulheres tenham acesso pleno a direitos e proteção.

Em síntese, o ser mulher é representado como força, cuidado e resistência, mas também como insegurança e luta por dignidade em meio a injustiças. Essas percepções dialogam com a literatura, reforçando que a saúde coletiva deve assumir papel ativo na desconstrução da violência naturalizada, na defesa dos direitos humanos e na promoção de ambientes seguros e igualitários para as mulheres.

## **Conclusão**

A violência contra a mulher permanece como problema complexo e persistente, exigindo respostas que integrem saúde, educação, justiça e políticas públicas. Este estudo reforça a necessidade de compreender as múltiplas dimensões da desigualdade de gênero e o ser mulher para a sociedade.

A saúde coletiva precisa fortalecer estratégias de enfrentamento, priorizando a comunicação não violenta, a justiça restaurativa e a promoção da cultura de paz, assegurando direitos e dignidade às mulheres.

**Descritores:** Gênero. Violência contra a Mulher. Mulheres. Homens.

**Eixo Temático 1:** A saúde coletiva no enfrentamento da violência.

**Referências:**

ACOSTA, D. F. *et al.* Representações sociais de enfermeiras acerca da violência doméstica contra a mulher: estudo com abordagem estrutural. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 39, e61308, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/94ydx8ZRYjZNGc6c83CN9Gx/?lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2025.

CRUZ, N. M. *et al.* Trajetórias atuais da gestão do SUS no enfrentamento à violência de gênero: uma revisão narrativa. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, BA, v. 45, n. 2, p. 160–171, abr./jun. 2021. Acesso em: 23 set. 2025.

DIAS, G. A. *et al.* P. Representações sociais dos profissionais da Atenção Primária à Saúde sobre as práticas de cuidado nas situações de violência doméstica contra a mulher. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, SP, v. 9, n. 9, e139996703, p. 1–19, 14 ago. 2020.

OLIVEIRA, D. D.; LEAHY, É. A influência cultural na disseminação da violência doméstica e pública contra a mulher. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 115, p. 611–622, 30 dez. 2020.

SILVA, J. *et al.* Violência contra as mulheres e suas formas de enfrentamento: um relato de experiência sobre o Agosto Lilás. **Revista Ciência Plural**, Lagoa Nova, Natal/RN, v. 9, n. 2, e31413, 2023.

STOCHERO, L.; PINTO, L. W. Prevalência e fatores associados à violência contra as mulheres rurais: um estudo transversal, Pesquisa Nacional de Saúde, 2019. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, e20452022, 2024.